

## PARTIR E FICAR. DOIS MUNDOS UNIDOS PELAS TRAJETÓRIAS DE MIGRANTES

*Maria Aparecida de Moraes Silva\**  
*Beatriz Medeiros de Melo\*\**

A região de Ribeirão Preto é uma das maiores áreas de produção de açúcar e álcool do estado de São Paulo. A grande maioria dos trabalhadores empregados na colheita é constituída por migrantes vindos dos estados do nordeste e do Vale do Jequitinhonha/MG. Objetiva-se neste texto, contribuir para os estudos das migrações a partir de dois exemplos de trajetórias de migrantes para esta região segundo duas técnicas de pesquisa. A primeira delas é referente à análise de três trajetórias de mulheres migrantes do Vale do Jequitinhonha. A segunda, além do estudo da trajetória de um casal migrante do Maranhão, acrescentou-se a técnica da construção cartográfica, a fim de definir o deslocamento nos territórios migratórios.

**Palavras-chave:** Migrações; Trajetórias; Camponeses; Região canavieira paulista

### Introduzindo a problemática

As referências sobre a discussão do trabalho na época atual, determinada pela mundialização do capital, são muito amplas, não somente no Brasil, como também em muitos outros países. Um dos temas centrais gira em torno do desemprego, da exclusão social e do fim do trabalho. Contudo, a realidade tem mostrado que, dificilmente, pode-se sustentar a tese do fim do trabalho em virtude do grande emprego de máquinas, cada vez mais modernas, capazes de substituir grandes contingentes de força de

---

\* Professora livre-docente da UNESP. Colaboradora do Programa de pós graduação de sociologia da Universidade Federal de São Carlos e do Programa de Pós graduação de geografia da Universidade Estadual Paulista de Presidente Prudente. Pesquisadora do CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa). Brasília / Brasil.

\*\* Doutoranda do curso de pós graduação de sociologia da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos / Brasil.

trabalho humana. O processo de mundialização do capital caracteriza-se pelo emprego de tecnologias modernas e pela utilização de mão de obra altamente especializada de um lado e, do outro, desqualificada. Ademais, convivem no interior deste processo, formas precarizadas de trabalho, emprego parcial, temporário, em domicílio, terceirizado, informal, infantil e, até mesmo, o trabalho escravo. Outro ponto importante refere-se ao incremento das migrações internacionais e internas. No primeiro caso, milhões de trabalhadores das regiões mais pobres – América Latina, incluindo o Brasil, África, certas regiões da Ásia e também das ex-repúblicas do bloco soviético – buscam as oportunidades de sobrevivência nos países mais ricos – Estados Unidos da América e países da Europa –, onde exercem funções desvalorizadas e desqualificadas, sem contar que a grande maioria deles não possui os direitos trabalhistas assegurados, tampouco os direitos civis e sociais, já que são considerados clandestinos ou indocumentados, sendo obrigados a viver na clandestinidade, e, portanto, descartados do estatuto de cidadãos.

Vale à pena ressaltar que as políticas implantadas pelos países ricos são mascaradoras na medida em que proíbem estas migrações, construindo barreiras, como na fronteira entre México e Estados Unidos, mas, ao mesmo tempo, estimulando-as, já que os imigrantes constituem uma força de trabalho barata, e, portanto, altamente vantajosa para os capitais. Desta forma, no nível internacional, as migrações dos pobres para os países ricos reproduzem, com novos matizes, as formas colonialistas do passado. Se, antes, a dominação-exploração era exercida no território colonizado, agora, ela se faz no território do colonizador. Este fato agrava mais ainda a situação do imigrante em virtude do fato de que ele está num meio cultural e linguístico distinto do seu, sendo alvo da dominação cultural, que pode causar o processo de desenraizamento, resultante da não aceitação dele enquanto cidadão e membro do país para onde se dirigiu.

No que tange ao Brasil, por volta dos anos de 1950, muitos economistas e sociólogos sustentavam a tese de que havia “dois Brasis”, um desenvolvido e rico, situado no sul e sudeste e outro, pobre e atrasado, localizado, principalmente, no nordeste. Esta visão dualista não desapareceu totalmente das análises da realidade brasileira, assim como da política econômica dos governantes. A verdade é que estes “dois Brasis” se acham profundamente integrados e a pobreza de um continua sustentando a riqueza do outro. Neste sentido, assiste-se, há mais de um século, ao fenômeno das chamadas migrações internas, sobretudo de nordestinos para os estados de São Paulo e outras áreas do centro-sul. Inicialmente, muitos migrantes vinham a pé, em viagens que levavam muitos meses, ou ainda,

embarcavam no navio ITA, que os traziam até os portos de Santos ou do Rio de Janeiro. Mais tarde, o meio de transporte passou a ser as estradas rodoviárias nos paus-de-arara<sup>1</sup>.

Historicamente, no estado de São Paulo, os migrantes trabalharam nas lavouras de café como camaradas (diaristas), desbravadores de florestas para a implantação das fazendas e também na construção das ferrovias, sem contar as atividades de construção civil nas cidades, sobretudo na capital. Estas migrações eram permanentes, ou seja, as pessoas se fixavam nos locais de trabalho.

A partir dos anos de 1960, com a criação das grandes usinas de açúcar e álcool, além da vinda de milhares de migrantes do nordeste, do norte do Paraná e do Vale do Jequitinhonha/MG, que se fixaram nas periferias de várias cidades, iniciou-se o fenômeno das chamadas migrações temporárias ou sazonais, que consistiam na permanência dos trabalhadores apenas durante os períodos da safra de cana ou de outros períodos como a laranja e o café. Estes migrantes, na sua grande maioria, são homens e não estão acompanhados da família. No caso da colheita do café, verifica-se a presença de muitas famílias nos alojamentos, localizados nas fazendas. Nos alojamentos das usinas de cana, não há permissão para as mulheres e nem para crianças. Nas pensões das cidades-dormitório, para onde se dirige a maioria destes trabalhadores, há a presença de famílias, além de homens.

O fenômeno das migrações temporárias teve seu apogeu após o Proálcool (1975) e durante os anos de 1980. Milhares de pessoas, todos os anos, a partir do mês de abril, chegavam aos canaviais, cafezais e laranjais paulistas, lá permanecendo até o final do mês de novembro, para, novamente regressarem no próximo ano. Este ir e vir impinge a este fenômeno o caráter de permanência. Na realidade, o que se observa é a existência da permanência das migrações temporárias. Ou seja, por detrás da ideologia do direito de ir e vir, impede-se que as pessoas que aqui trabalham, aqui permaneçam. Assim que as safras terminam, os contratos de trabalho também findam. No entanto, até os anos de 1980, muitas famílias migrantes permaneceram definitivamente em várias cidades da região de Ribeirão Preto. Era um momento em que as necessidades de mão de obra principalmente para o período da plantação de cana, que coincide com a entressafra (corte), eram muito grandes<sup>2</sup>.

Durante os anos de 1990, houve a intensificação do processo de mecanização da colheita de cana e também de café, mediante o emprego

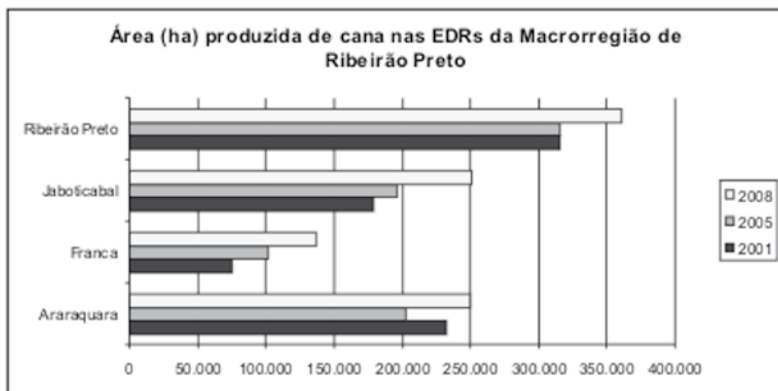
<sup>1</sup> Caminhões que levam os passageiros na boléia ou caçamba sentados em feixes de madeira.

<sup>2</sup> Cf. SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do fim do século*.

de grandes máquinas, capazes de substituir um grande número de trabalhadores. Este processo de modernização também atingiu as demais atividades como plantio, carpa, distribuição de insumos, venenos, preparação do solo, nas quais se incluem aquelas relativas à citricultura.

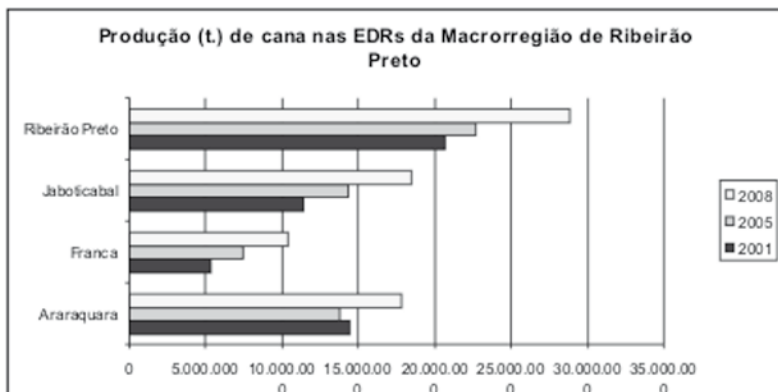
Assim, durante esta década assistiu-se ao desemprego e até mesmo à exclusão de milhares de pessoas, sobretudo as mulheres e os mais velhos, do trabalho e, ao mesmo tempo, o crescimento vertiginoso do emprego de grandes máquinas, o que resultou no aumento da produtividade e também da produção, tal como aponta o gráfico seguinte:

**Gráfico 1**



Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA). <http://www.iea.sp.gov.br> Escritórios de Desenvolvimento Rural (EDRs).

**Gráfico 2**



Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA). <http://www.iea.sp.gov.br> Escritórios de Desenvolvimento Rural (EDRs).

De acordo com o Instituto de Economia Agrícola (IEA), nesta região, a maior produtora de cana do país, a colheita passou de 52,3 milhões de toneladas em 2001 para mais de 77 milhões de toneladas em 2008, numa área correspondente a quase 1 milhão de hectares, como apontam os dados dos gráficos 1 e 2. Para o conjunto do estado, esta área é de 4,5 milhões de hectares em 2009.

A mecanização do corte da cana já atinge 50% em todo o estado de São Paulo, segundo esta mesma fonte. O processo da mecanização não é linear. Ao mesmo tempo em que muitos trabalhadores são descartados, outros são empregados com baixos salários, muitas vezes, sem os direitos trabalhistas, duramente conquistados ao longo das últimas décadas. Outra consequência deste processo de modernização é a presença de um grande número de pessoas, que, em virtude da perda do emprego, acaba se desgarrando da família e passa a engrossar as fileiras do fenômeno da itinerância. Os itinerantes são aqueles que não possuem direitos, não são considerados cidadãos, não podem se fixar em lugar algum. São definidos sempre pelo negativo. São vistos enquanto párias da sociedade e são objeto de práticas das secretarias de promoção social das cidades. Este é um tema que, malgrado sua importância, não aparece nos estudos das migrações.

No que tange as migrações internas, para esta região, de um lado elas são necessárias para a manutenção da oferta de força de trabalho nos níveis desejados pelos capitais empregados nestas atividades, sobretudo, a canavieira. Quanto maior a oferta, menor será o salário. Ademais, os capitalistas não arcam com os gastos da reprodução social destes trabalhadores, já que a grande maioria de suas famílias permanece nos locais de origem. Portanto, os migrantes constituem uma mão de obra barata e facilmente controlada pelos donos das empresas em razão de ser temporária e facilmente descartada. De outro lado, estas migrações são vistas enquanto um problema social. Neste item se enquadram principalmente os itinerantes, aqueles desgarrados e descartados pelo processo de modernização imposto. Segundo os dados das Secretarias do Bem-Estar Social de Piracicaba, em 2002, mais de 300 pessoas passavam pela cidade todos os meses em busca de albergue por algumas horas. Os dados de Ribeirão Preto se referem a mais de 1000 pessoas por mês nestas condições neste mesmo ano.

Diante deste contexto, objetivamos neste artigo contribuir para o entendimento das migrações internas por meio do estudo das trajetórias de camponeses (homens e mulheres) migrantes para a região agrícola de Ribeirão Preto/SP, atualmente conhecida como a capital mundial do etanol. Inicialmente, analisaremos as trajetórias de mulheres migrantes temporárias no final dos anos 80 que se destinaram para a colheita da cana-de-açúcar.

Em seguida, focaremos as trajetórias de migrantes que permaneceram na região. No segundo exemplo, a técnica da representação cartográfica se acrescenta à análise das trajetórias. Acreditamos que estes dois exemplos, segundo a análise das trajetórias, poderão fornecer subsídios importantes para a compreensão das migrações não como meros deslocamentos de populações, mas como algo que faz parte da experiência e da memória dos que partem e também dos que ficam. A complexidade destas situações exige do pesquisador a adoção de uma postura teórico metodológica capaz de compreender a migração como um processo social, e os migrantes como agentes deste processo. Ao invés dos modelos de deslocamentos de população, sugerimos a análise da migração enquanto um acontecimento histórico, que atinge os (as) que partem e os (as) que ficam, constituído por elementos objetivos, estruturais, ideológicos, culturais e subjetivos, *vis-à-vis* as organizações sociais de classe, gênero e raça/etnia.

Considera-se o migrante sob duas óticas: inicialmente, trata-se de um(a) trabalhador(a) produzido no bojo de determinadas relações sociais, que, muitas vezes, resultam de processos de violência e expropriação. Esta situação remete à análise das condições históricas responsáveis por estes processos; em seguida, o migrante insere-se numa realidade social, definida por laços sociais (familiares, grupos de vizinhança, valores, ideologias, etc.), que o caracterizam como pertencente a um determinado espaço social e cultural. Portanto, a denominação abstrata de migrante esconde o conjunto de situações concretas e particulares, que definem sua identidade individual e social.<sup>3</sup>

### **Migrações temporárias. Mulheres que partem<sup>4</sup>**

Por trajetória social, entendemos “o encadeamento temporal das posições sucessivamente ocupadas pelos indivíduos nos diferentes campos do espaço social”<sup>5</sup>. Em oposição à trajetória individual, esta autora procura unir espaço doméstico e espaço produtivo ou profissional numa mesma análise. Portanto, a análise da trajetória, a partir de um indivíduo, deve sempre levar em consideração a trajetória familiar, posto que é, inevitavelmente, produto, também, da dinâmica das relações de força, que frequentemente recompõem o grupo familiar e reorganizam ações e disposições individuais.

<sup>3</sup> SILVA, Maria Aparecida de Moraes; MENEZES, Marilda Aparecida. *Migrações rurais no Brasil: velhas e novas questões*.

<sup>4</sup> As informações seguintes foram resultados de pesquisa desenvolvida com camponeses migrantes do Vale do Jequitinhonha/MG para a região de Ribeirão Preto no final da década de 80 e início da década de 90. Algumas destas informações constam no artigo: SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *O rosto feminino da migração sazonal*.

<sup>5</sup> BATTAGLIOLA, Françoise (org). *Entre travail et famille*. La construction social des trajectoires, p. 3.

Vale a pena ainda acrescentarmos que a definição de trajetória não se resume apenas a decisões subjetivas relacionadas à vontade dos indivíduos ou do grupo familiar. Ainda quanto aos sujeitos que decidam migrar, urge levar em conta os condicionantes externos, ou seja, as estruturas onde as práticas são tecidas por homens e mulheres das diferentes classes sociais. A trajetória não é uma série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo agente social.

Tentar compreender uma vida como uma série única e, por si só, suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outra ligação (...), é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, matriz das relações objetivas entre as estações (...). Isto é, não podemos compreender uma trajetória (...) a menos que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou; logo, o conjunto das relações objetivas que vincularam o agente considerado (...) ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e que se defrontam no mesmo espaço de possíveis.<sup>6</sup>

Este referencial teórico possibilitou a construção das trajetórias a partir da coleta de histórias de vida, as quais foram analisadas no contexto dos condicionantes externos e também das relações criadas e recriadas no percurso migratório. Em se tratando de populações camponesas, geralmente, o que ocorre é que alguém precisa ficar para desempenhar as tarefas agrícolas durante o tempo de ausência daqueles (as) que partem. Normalmente, atribuem-se às mulheres o papel de ficarem na terra, uma vez que o mundo exterior pertence aos homens. Em virtude das relações de gênero prevalentes na sociedade, cabem às mulheres as funções ligadas à reprodução, tais como as tarefas domésticas e a educação dos filhos. De um modo geral, a migração feminina é interpretada *vis-à-vis* o emprego doméstico de mulheres solteiras nas cidades, a partir da óptica da divisão sexual do trabalho, através da qual as mulheres são destinadas às funções reprodutivas acrescidas àquelas ligadas ao trabalho na terra.

O objetivo deste texto é contar outra história. História de mulheres migrantes sazonais. Camponesas do Vale do Jequitinhonha/MG, que partiram em busca do pão de cada dia na região de Ribeirão Preto. O trabalho era na colheita do café e no corte da cana. Eram mulheres casadas, solteiras, viúvas, sós, com filhos pequenos, maiores, lactentes, grávidas.<sup>7</sup>

São situações diferenciadas, produzidas, no entanto, no bojo do mesmo processo de expropriação verificado nesta região a partir dos anos de 1960 por meio da ocupação das chapadas, que pertenciam aos

<sup>6</sup> BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. Sobre a teoria da ação, p. 81-82.

<sup>7</sup> Os nomes das entrevistadas foram modificados para resguardar a identidade das mesmas.

camponeses, por grandes empresas de reflorestamento<sup>8</sup>. Algumas migram com parentes, conhecidos, pais, maridos, filhos; outras mulheres, sós, são arregimentadas pelos gatos<sup>9</sup> no lugar de origem. Quando se destinam ao corte da cana, não podem residir nos alojamentos das usinas que abrigam apenas homens. Neste caso, resta-lhes a opção de residir nas pensões das cidades- dormitório. Se forem para a colheita do café, são alojadas nos barracões que mais se assemelham às senzalas, em razão da precariedade das condições existentes<sup>10</sup>.

A presença destas mulheres no circuito das migrações temporárias, ao desmontar a lógica das análises baseadas nos esquemas rígidos da divisão sexual do trabalho, revela a face oculta deste fenômeno e os diferentes arranjos criados para articular o trabalho assalariado na região de destino e as funções reprodutivas.

### **Maria**

Maria, negra com trinta e sete anos de idade (1988), nasceu no povoado de Cantagalo, vale do Jequitinhonha, trabalhou durante catorze anos nas seguintes usinas: São Martinho, Santa Adélia, Balbo, Santa Eliza, São Geraldo..., em quase todas as usinas, segundo suas palavras. Em cada usina “tirava uma safra”<sup>11</sup>. A última foi na Usina Santa Eliza.

Quando criança migrou, juntamente com a família, para Londrina/PR, onde o pai trabalhava na fazenda Paracatu como parceiro nas lavouras de café. Após três anos nesta fazenda, a família retornou para o Vale do Jequitinhonha. Continuaram trabalhando “nas terras dos outros”. A impossibilidade de lograr o mínimo para a sobrevivência fez com que a família migrasse definitivamente para Barrinha, cidade-dormitório da região de Ribeirão Preto.

Ela não acompanhou a família, pois resolvera casar-se com apenas catorze anos de idade. Continuou trabalhando no “terreno” do sogro. Depois de seis anos casada, foi abandonada pelo marido. O motivo, segundo ela, deveu-se a uma longa doença causada por muita “fraqueza”. Ficou durante nove meses internada num hospital em Teófilo Otoni/MG, em virtude de problemas “de cabeça”, “de incosto”. “Eles me tiraram pra fora porque eu

<sup>8</sup> Cf. SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes...*, op. cit. especialmente o primeiro capítulo.

<sup>9</sup> Alcinha usada para nomear os agenciadores de mão-de-obra que levam os trabalhadores.

<sup>10</sup> SILVA, Maria Aparecida de Moraes. “A migração de mulheres do Vale do Jequitinhonha para São Paulo: de camponesas a proletárias”, p. 9-15.

<sup>11</sup> As citações mencionadas neste artigo foram retiradas *ipsis literis* das entrevistas realizadas com as migrantes durante a pesquisa.



tinha este incosto. Meu marido, com isto, desgostou e arrumou outra e foi embora pra São Paulo”.

Após deixar o hospital foi morar no “terreno” do sogro, onde seguiu trabalhando para sustentar os filhos e ele próprio, já que se achava doente e impossibilitado para o trabalho. Descreveu este tempo como sendo marcado por muitas dificuldades, em virtude da terra ser fraca e, portanto, incapaz de garantir as mínimas condições de reprodutividade do trabalho. A fraqueza da terra se aliava à sua própria fraqueza constituindo uma simbiose de despossessão e miséria.

Tinha dia que eu amanhecia assim (...). Não tinha nada pra dar para os meus filhos. Eles saíam pelos vizinhos, chegavam com um punhadinho de coisas. Outros davam um prato de comida pra eles comerem. Muitas vezes, pra não morrer de fome, eu saía pedindo. Eu pedia mandioca, ralava, pra poder fazer um mingau pra dar para os meus filhos comerem lá na roça, pegava folha de batata e dava pra eles.

Mediante esta situação, ela se “destinou mesmo a sair pra fora”. Foi, portanto, o quadro de extrema miséria que a forçou ao destino da saída. Apesar da saúde debilitada, de “possuir um corpo fraco” (doente), ela era o único membro da família que poderia vender a força de trabalho nas usinas. Para não deixar os filhos morrerem de fome, migrou durante catorze anos, “de lá para cá, de cá para lá, igualzinho a uma andorinha que parte em busca de pão para meus filhos”. Tirava os seis meses na safra, e, na parada (entressafra), voltava para casa.

Inquirida a respeito de não levar os filhos consigo, ela disse: “A senhora sabe o que é? Porque meu sogro não dava os meus filhos para mim (...). Ele falava assim: você pode ir, eu olho os filhos para você. Eu não fico sem os seus filhos”.

Esta parte do seu discurso revela aspectos importantes das relações de gênero. Pode-se inferir, por um lado, que a impedindo de levar os filhos, o sogro estava, na verdade, forçando-a a não deixá-lo só para morrer de fome, já que estava velho, incapaz de migrar e doente. Ficando com os filhos dela, ele garantiria sua sobrevivência com o dinheiro enviado por ela durante a safra, e, com o próprio trabalho dela no período da “parada”, mediante às funções assumidas na roça de subsistência.

Ademais, é possível perceber que as razões da migração não podem ser adstritas às condições objetivas<sup>12</sup>. Uma teia de relações criadas e recriadas no cotidiano vai se consolidando, a partir da organização social de gênero existente, que ratifica o poder masculino na pessoa do sogro, em virtude da

<sup>12</sup> SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Contribuições metodológicas para a análise das migrações*, p. 53-86.

ausência do marido. É esta organização de gênero que define o seu destino. Na realidade, para ela, teria sido mais fácil mudar-se definitivamente para a região de Ribeirão Preto, uma vez que seus pais lá residiam. A guarda forçada dos filhos remete aos valores presentes nas relações semióticas entre os gêneros masculino e feminino.

Assim sendo, ser mãe não possui o mesmo significado de ser pai. Neste caso, o pai abandonou os filhos, indo viver com outra mulher em São Paulo, eximindo-se de qualquer função em relação à paternagem. Ao contrário, ela assumiu a maternagem, apesar das condições impostas pelo sogro. Amor, proteção e cuidado são elementos definidores do eu feminino, diferentemente do eu masculino, cujos referenciais são centrados num “ideal abstrato de perfeição”. O eu feminino está sempre referido ao ato de “cuidar de outrem”<sup>13</sup>. Ao autorepresentar-se como andorinha, que parte para sustentar os filhos, enfeixa-se numa alegoria, cujos elementos semióticos são pautados não pelo biológico, mas pelo social. Ou seja, o ato de criar, de cuidar dos filhos, de alimentar, é um ato social decorrente da organização social de gênero e não da fisiologia feminina.

Imbuída desta representação, “destinou-se a sair”, e foi forçada a voltar sempre porque o sogro “não deu os filhos para ela”. O que houve foi uma situação de apropriação dos seus filhos, única forma de garantir a sua volta, e, ao mesmo tempo, garantir a sua própria sobrevivência. É no jogo destas relações que se entendem os diferentes papéis dos sujeitos deste drama. Trata-se de papéis marcados por experiências diferenciadas. Experiências definidas por um complexo de efeitos, hábitos, disposições, associações e percepções significativas, resultantes de uma interação semiótica entre o eu e o mundo exterior<sup>14</sup>. Impregnada desta experiência de mulher e mãe, forçada a migrar, a deixar os filhos, o resultado foi um sentimento de desmembramento.

Ah! O duro era separar de meus filhos. Eu sentia, eu sentia (...). Quando eu saía, que eu pegava a bolsa, os meus filhos iam para o mato pra não ver eu sair. Aquilo para mim era uma coisa muito triste na minha vida. Mas, eu pensava, eu tinha que ir, meu Deus. Porque, senão, o que é que eu posso arrumar para os meus filhos? Eu ia assim, sempre com outra colega, com um parente meu, com um tio, tia, uma prima. Isto foi umas três vezes. Depois eu aprendi a estrada e fui com Deus.

O remembramento só se tornava possível durante a “parada”, quando regressava. Assim, viveu durante catorze anos presa pela rede do desmembramento-remembramento/safra-parada. Em cada um destes ciclos,

<sup>13</sup> GILLIGAN, Carol. *Uma voz diferente*.

<sup>14</sup> LAURETIS, Tereza de. *Tecnologies of gender*.

perdia, paulatinamente, o pouco que ainda restava de sua força de trabalho, até não possuir mais condições para migrar. “Quando eu chego aqui, ninguém me conhece. Eu chego no couro e osso. Agora eu não aguento mais. Meus nervos estão tudo esgotados. Não tenho mais forças”. As metáforas couro e osso representam não apenas o emagrecimento causado pelo trabalho duro no corte da cana, como também o consumo do próprio corpo, através de um processo definido pela superexploração da força de trabalho. Perda das energias é o que restou para um corpo com nervos esgotados e reduzido a couro e osso. Corpo diminuído. Corpo encolhido.

Todavia, foi graças a este encolhimento, a esta morte paulatina do corpo que ela garantiu a vida dos filhos e do sogro. Para ela, se não fosse São Paulo, seus filhos teriam morrido de fome. São Paulo configura-se como o lugar de trabalho, salário, portanto, o único meio de garantir a sobrevivência. É um lugar supervalorizado, estando abaixo apenas de Deus. No mundo dos homens, São Paulo não aparece como o lugar da superexploração de sua força de trabalho, de sua redução a couro e osso. Ao contrário, é para lá que Deus a destinou. São Paulo foi uma espécie de travessia para chegar à outra margem do rio. Ela afirma no final do seu depoimento que espera ter sorte no outro mundo, está esperando chegar o outro mundo para Deus recebê-la, já que neste mundo ela somente sofreu como Jesus. Como Ele, ela também carregou sua cruz.

### **Joana**

Joana nasceu no povoado de Cantagalo. Migrava havia oito anos (1990) para o corte de cana. Filha de parceiros, trabalhou desde criança na roça e em casa. Depois de casada, passou a trabalhar nas terras de herança do marido, juntamente com os demais cunhados. Em virtude das desavenças constantes provocadas pela não partilha das terras, o marido resolveu deixar a sua parte, empregando-se nas terras dos outros como diarista. Mesmo trabalhando com o marido os salários eram insuficientes para sustentar oito filhos. Em razão da extrema precariedade e da fome, restou a migração temporária como a última alternativa. Impossibilitada de levar todos os oito filhos, migrava sempre com a criança que estava amamentando. Através de alguns arranjos familiares, dentre eles a cooperação da sogra e da filha mais velha, com quinze anos de idade, deixava os demais filhos para trás.

Dirigiam-se sempre ao mesmo local, a cidade de Guariba, onde alugavam um cômodo de uma pensão, compartilhando um banheiro e um tanque com mais trinta pessoas. A criança que levava consigo era deixada sob a guarda da proprietária da pensão. A maior parte de seu relato

circunscreve-se aos inúmeros problemas de saúde que possui: dores por todo o corpo, inchaço do rosto e muita fraqueza. Para isso, tomava Gardenal e remédio para pressão. Não soube dizer exatamente a doença que a afligia, pois o médico nunca lhe falou.

No que tange ao trabalho, afirmou que cortava pouca cana, por causa da fraqueza, embora antes cortasse até mais que o marido. Quanto ao excessivo número de filhos, diz que eles são a vontade de Deus. Não tomava comprimidos porque não possuía dinheiro para comprá-los, nem utilizava qualquer método contraceptivo. A respeito do marido afirma:

Coitado, ele pejeja para evitar. Mas, às vezes, não tem jeito (...). Acontece assim. Agora, se fosse pelo gosto dele, ele não tinha mais nenhum, porque ele fala (...), me vê assim adoentada. Mas o que ele pode fazer? Não está nas mãos dele.

O conformismo alia-se à idéia de ser portadora de um corpo para a procriação, contudo, sabia que este corpo já não mais apresentava as condições naturais para essas funções. Ao migrar, preenche as duas tarefas para as quais foi destinada: a reprodução humana e a reprodução da força de trabalho do grupo familiar como um todo. Malgrado as doenças, “tirava toda a safra” com o marido. Não era registrada como trabalhadora individual. Sua produção somava-se à do marido, de tal forma que, para a usina, somente ele aparecia como empregado. Aliás, este é um método bastante utilizado. É conhecido como “baião de dois”, ou seja, duas pessoas cortam, ao mesmo tempo, as mesmas cinco ruas. Trata-se de uma maneira de produzir a média exigida pela usina<sup>15</sup>. É uma forma dos mais fracos, dos doentes, dos portadores de pouca força se unirem para lograr algum dinheiro, pois, individualmente, não seriam aceitos pelos critérios de produtividade.

Repetem-se, aqui, as considerações acerca das relações de gênero feitas acima. O trabalho de Joana é invisível, não registrado e, por isso, adquire o caráter de ajuda ao do marido. Do total do que recebiam, 30% era destinado ao pagamento do aluguel do cômodo e da guarda do bebê. Descontados os gastos com a alimentação, era muito pouco o que sobrava para enviarem aos outros filhos. No que concerne aos filhos que ficaram, exprimia muitas preocupações, motivadas pelo medo de caírem no rio existente próximo de sua casa. Reconhecia que a filha mais velha, igualmente doente, não lograva cuidar de todos. Com isso, aumentava seu estado de ansiedade, agravando, mais ainda, a saúde precária.

<sup>15</sup> Em geral, a média exigida era de seis toneladas de cana cortada por dia; atualmente, gira em torno de 10 a 12.

Nota-se que, apesar dos arranjos familiares, não se desvencilhava das funções relativas à maternagem. Mesmo ausente, assume, ao nível das representações, tais funções, manifestas através de um discurso reprimido, caracterizado por tristezas e insatisfações.

O exemplo de Joana desvela muitos elementos escondidos desta migração: mulher migrante destinada a um trabalho duro, como o corte da cana, grávida, com filhos pequenos. Estes (des)qualificativos são responsáveis por sua retirada deste mercado de trabalho, frequentemente reservado aos homens fortes e jovens. Daí, sua invisibilidade. Em sendo mulher, há uma aceitação deste *status* de trabalhadora escondida, de uma mera ajudante do marido, também fraco. Tal situação é vista como sendo natural, tanto por ela, quanto pelo marido. Reproduz-se, assim, a naturalização das relações sociais assentadas nas diferenças entre homens e mulheres.

### Neide

Neide nasceu no povoado de Cantagalo, Vale do Jequitinhonha. Desde criança, também trabalhou no terreno do pai. Com a morte deste, os irmãos expulsaram-na da terra. Então, ela “saiu do terreno deles”. A partir daí, tornou-se migrante em terreno dos outros. “Desde esta época, eu estou migrando em terreno dos outros”. As razões da expulsão deveram-se ao fato dela não ser filha natural. “Eles (os irmãos) falaram que eu não tinha o direito de ficar na terra. Mas meu pai me legitimou. Mas eles não me deixaram ficar; hoje a terra é só deles”.

Logo depois deste fato, casou-se com um homem que também perdera as terras e trabalhava à terça<sup>16</sup> nas terras dos outros. Assim, tornou-se parceira até a morte do marido pela da doença de chagas. Logo em seguida, se “destinou a ir para São Paulo”. Impossibilitada de conseguir a cooperação de outras pessoas para a guarda dos filhos, migrava com eles para a colheita da cana e os deixava sob os cuidados de outra mulher.

Segundo ela, sempre conseguia trabalho porque as pessoas sentiam pena em virtude de estar acompanhada das crianças. O dinheiro das passagens era conseguido através de um empréstimo de um compadre, o qual seria ressarcido, assim que recebesse a pensão do marido. Migrava porque não lograva sustentar os filhos com o que recebia no trabalho como parceira. Ademais, pagava juros altos na venda pelos produtos comprados a prazo. Com o salário a ser auferido, esperava poder pagar as dívidas e comprar cama para os filhos, pois os mesmos dormiam em esteira de folhas

<sup>16</sup> Correspondente à terça parte do que produzia.

de bananeira. Autorepresentada enquanto fraca, em razão de não possuir terras e ser incapaz de garantir o sustento dos filhos.

No período da parada, regressava porque não conseguia trabalho nas usinas ou fazendas. Pelo fato das crianças serem ainda pequenas, às vezes, quando havia vagas, as deixava na cidade. Caso contrário, as levava consigo para o eito dos canaviais. Identificava-se com outras mulheres do povoado que também são migrantes. Algumas deixavam os filhos com as avós ou outras mulheres, vizinhas ou parentas. Outras partiam com eles.

Estes relatos mostram que os arranjos sociais só existem entre as mulheres, e portanto, pode-se falar em feminização deste fenômeno. Configura-se, portanto, o ato de cuidar dos filhos como cabendo às mulheres. Porém, houve, neste povoado, um caso recente de abandono dos filhos pela mãe. Tal fato foi interpretado como enlouquecimento desta mulher. Todavia, quando o sujeito do abandono é o homem, as percepções são diferentes. Tais atitudes são vistas como naturais porque é sempre a mulher quem cuida dos filhos. O caso relatado referia-se a uma mulher que, após a morte do marido, achando-se sozinha com quatro crianças, pensou em matá-los em virtude da fome existente. Contudo, não possuindo coragem para executar este ato extremo, deixou uma delas na casa de um irmão, outra foi colocada num chiqueiro e as outras duas foram deixadas no mato. Em seguida, foi embora e nunca mais regressou.

No que tange aos inúmeros casos de abandono pelos homens, há a legalização desta situação, por intermédio das licitações de desaparecimento de maridos. Ou seja, após decorridos cinco anos de ausência do marido, a mulher pode, juridicamente, solicitar a anulação do casamento. Este fato é o indicador da enorme incidência de mulheres sós no Vale do Jequitinhonha. Além de serem “viúvas de maridos vivos”, são sós. Sem recursos, sem alternativas de emprego, lançam-se na rota da migração sazonal.

Estas três trajetórias trouxeram à tona o rosto feminino da migração sazonal do Vale do Jequitinhonha para as usinas da região de Ribeirão Preto no final da década de 1980. Atualmente as mulheres dificilmente são empregadas no corte da cana, salvo aquelas que conseguem os mesmos níveis de produtividade dos homens, geralmente, jovens e migrantes. No que tange às causas desta migração, apesar da miséria se constituir no pano de fundo comum, recaía sobre elas, o peso da organização social de gênero assentada numa gramática sexual que, além de discriminar as mulheres, impunha-lhes valores cujos significados configuravam o destino social de suas vidas. Eram mulheres tornadas invisíveis no conjunto desta migração.

## Migração permanente. Família que parte<sup>17</sup>

Analisamos, em outro momento, as trajetórias de migrantes que saíram dos diversos estados nordestinos para trabalhar em atividades agrícolas, como o corte da cana e a colheita da laranja, em Ibaté/SP, situada na região de Ribeirão Preto/SP, onde então residiam<sup>18</sup>. Buscamos compreender a situação de exclusão/inclusão precária vivenciadas por estes sujeitos através da análise do processo de territorialização destes, tanto no interior da cidade como no movimento entre o lugar de origem e este outro, chamado aqui de destino. Para esta empreitada, utilizamo-nos de uma diversidade de métodos: aplicação de questionários em bairros onde residem os migrantes, histórias de vida, coleta e produção de fotografias, elaboração de mapas de trajetórias e *portraits* das trajetórias.

Apresentaremos ao leitor, neste artigo, uma etapa da análise do processo de territorialização destes sujeitos: aquela que se debruçou sobre o estudo das relações materiais e imateriais estabelecidas entre o lugar de origem destes migrantes e estas cidades paulistas para onde se dirigem. Mais especificamente, apresentaremos, adiante, algumas considerações sobre esse processo de territorialização que acontece entre cá e lá através da análise da trajetória de Celso e Nice. Nosso objetivo é compreender as relações que foram sendo criadas e recriadas com o espaço, os indivíduos e os grupos com os quais se relacionam em cada momento.

A opção pelo uso do conceito de território indica que buscamos compreender o contexto no qual se desenrolam relações de apropriação deste espaço. Num primeiro momento esta opção informa que temos os olhos voltados para o trabalho efetuado num determinado espaço, no sentido de uma ação conduzida, concreta e abstratamente<sup>19</sup>. Por outro lado, informa, ainda, que haveremos de compreender estas relações de apropriação no seio de relações de poder, compreendidas como relações de dominação, concreta e abstratamente.

Buscando, ainda, superar uma concepção atomística e puramente estruturalista de porção territorial, compreendemos o território como constituído por “tessituras, nós e redes” que, organizadas hierarquicamente,

<sup>17</sup> As informações seguintes são baseadas na pesquisa, *Migração, memória e território: o trabalhador rural nordestinos em Ibaté paulista*, desenvolvida no PPG de geografia da UNESP de Presidente Prudente por Beatriz Medeiros de Melo (2008) entre os anos de 2005 e 2008, orientada por Maria Aparecida de Moraes Silva e financiada por CAPES e FAPESP. A dissertação na íntegra pode ser consultada em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp058272.pdf>

<sup>18</sup> Ibaté está localizada entre as cidades de São Carlos (distante 10 km) e Araraquara (distante 35 km).

<sup>19</sup> RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*, p. 143.

permitem assegurar o controle sobre a dinâmica predominante no espaço<sup>20</sup>. A tessitura implicaria uma noção de limite territorial, de área de influência de um determinado poder, formada por malhas, zonas de influência, que cristalizam um conjunto de fatores sociais e/ou culturais. Os pontos (ou nodosidades) são os locais de referência, onde os sujeitos se agrupam, cuja posição pode ser determinada absoluta ou relativamente. A rede (abstrata ou concreta, visível ou invisível) é o sistema onde se desenham as tramas, é o mecanismo que assegura a comunicação entre os espaços e sujeitos, é aquela que possibilita assegurar o poder de apropriação sobre o espaço.

Faret<sup>21</sup> efetua a reunião destes pontos descritos por Soja num único conceito, o de território migratório, conceito que, caminhando no sentido de nossa compreensão das relações territoriais, carrega também o sentido do poder contido na noção de apropriação e o define em relação à diversidade de expressões da experiência humana (econômica, política, cultural). Assim, de acordo com Flores

*el conjunto de lugares que componen un territorio migratorio no son puntos aislados, aun si geográficamente se encuentran dispersos. Lo que conforma ese territorio es tanto el lugar de origen (real o imaginario), como lo que vincula entre sí a los distintos lugares de migración. El territorio migratorio es un espacio organizado y significativo que mantiene una lógica propi...*

Desde os primeiros contatos com tal literatura tivemos a clareza de que precisaríamos também lidar com esta idéia de um processo de apropriação territorial realizado na mobilidade. Acreditamos que o caso de Celso e Nice possa ilustrar ao leitor tal clareza. O tracejado das linhas constituídas pelos movimentos de Celso pelo espaço remete à ilustração de um fluxo concêntrico (ilustração na base cartográfica a seguir). Há sempre um retorno a um ponto, a cidade onde Celso foi criado, no Maranhão. Mas os movimentos migratórios, embora ligados às atividades sazonais, relacionadas à agricultura e o extrativismo, constituíram tentativas diversas de relação com o espaço, de encontrar um lugar que pudesse tornar-se fonte de sobrevivência do grupo familiar. Experiências penosas, marcadas pela dificuldade de manutenção da extensa família (cinco filhos e a esposa), por condições de trabalho precárias e situações de superexploração.

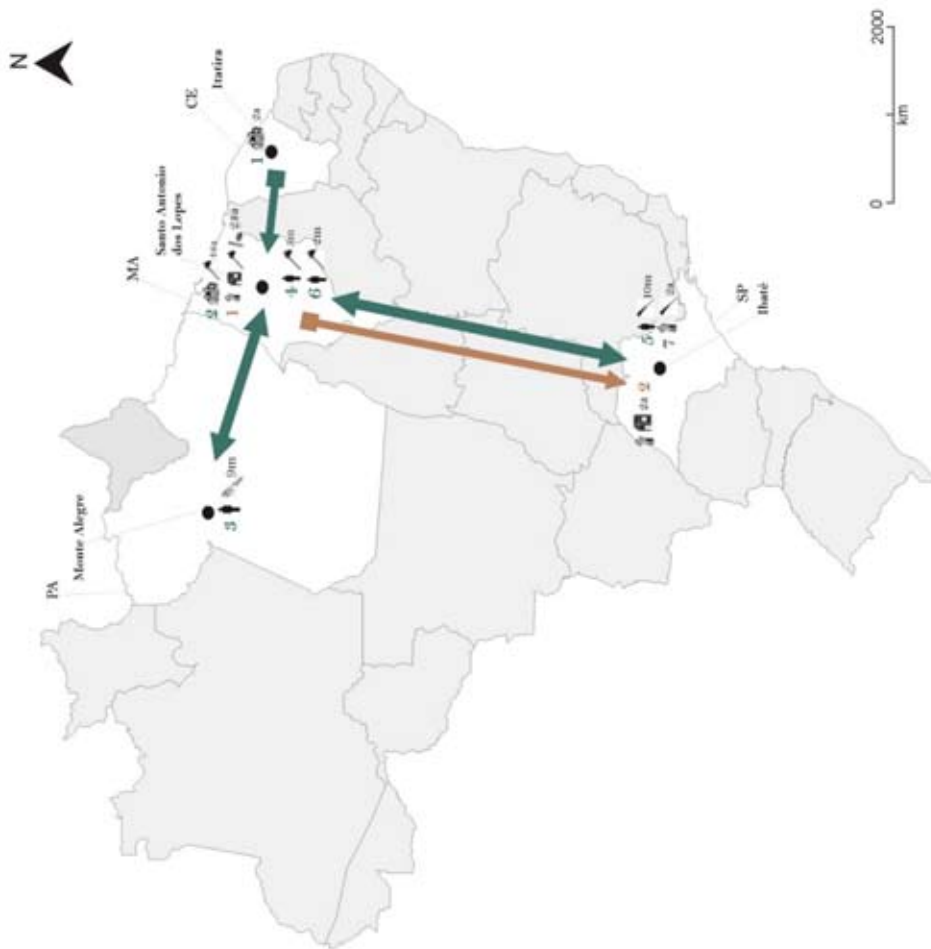
Nascido no Estado do Ceará, quando sua família aí residia, migrou muito cedo para o estado do Maranhão (pontos 1 e 2 do mapa), onde, até então, seus pais se mantinham estabelecidos. Daí, já casado, é levado

<sup>20</sup> SOJA *apud* RAFFESTIN, Claude, *op. cit.*, p. 151.

<sup>21</sup> *Apud* FLORES, Sara María Lara. *Control del espacio y territorialidad en las migraciones rurales*. Un ejemplo en el caso de México, p. 14.



Trajetória de Celso e Nice



- Legenda:**
- Município onde moraram
  - ↑ Trajetória de Celso
  - ↓ Trajetória de Nice
  - ↕ Ponto de partida das trajetórias
  - ↕ Ida
  - ↕ Volta
- Com quem migrou/residiu**
- ☛ Soltido
  - ☛ Com família conuanguilena
  - ☛ Com família empajal
- Trabalho**
- ☛ Bacia de Subsistência
  - ☛ Serra
  - ☛ Colheita da cana
  - ☛ Quilera de caco
  - ☛ Dona-de-casa
- Tempo de Permanência**
- Xa | Em anos
  - Xm | Em meses

por um companheiro à cidade de Goianésia, no Pará, para o trabalho de serraria (ponto 3). A narrativa de Celso sobre essa difícil experiência é rica em detalhes:

Eu só recebi na primeira quinzena. A gente bebeu, comeu... Mas depois dessa quinzena em diante nós ficamos dois meses sem pegar um centavo. O cara fez a besteira de dar um cheque de duzentos reais pra nós pagar as contas. Eu digo: Que conta que nada, eu vou é embora com esse dinheiro. Meio mundo de gente passou isso lá. (...) Passamos dois dias viajando sem comer nada. Compramos a passagem e sobraram quatro reais pra um e quatro reais pra outro. (...) Eu cheguei foi morto em casa. Eu pensava assim: “Dessa vez eu não escapo, dessa não!” Eu pensei que não escapava mesmo não. Eu disse que ia queimar a boroca<sup>22</sup> e a rede<sup>23</sup>.

Foi um companheiro nosso [que os levou para lá], um sem-vergonha. Levounos e depois abandonou nós. O barraco que nós morava lá também, quando dava uma chuva nós ficávamos tudo em pé. Porque molhava tudo. O teto era de compensado. As paredes eram de madeira, mas quando chovia em cima lá (...) a gente tirava a rede que ficava pra lá e pra cá, botava numa corda só e dormia dentro. Dormia assim, olha, escanchado. Porque não tinha onde ficar nesse tempo.

Uma experiência que denuncia as condições subumanas a que tantos trabalhadores são submetidos sob o capitalismo. Depois desta primeira tentativa, Celso retorna a Santo Antonio dos Lopes (ponto 4) e, em seguida, decide acompanhar o irmão Elias na migração para Ibaté, já que parecia uma situação mais segura e certa de rendimentos e condições de trabalho (ponto 5). Num primeiro momento (2003) migra sem a família, acompanhado do irmão e do cunhado (marido de sua irmã). Vinham para São Paulo com um ônibus que passava por diversas cidades do interior paulista deixando maranhenses em busca de trabalho nos canaviais paulistas. A passagem foi comprada com o dinheiro de empréstimo de familiares. Este não é, portanto, o caso clássico em que os trabalhadores são trazidos pelo agenciador de mão de obra, o gato. Celso percorre este “corredor de migração”<sup>24</sup>, entre Ibaté e Santo Antônio dos Lopes (a linha marcada nas extremidades pelos pontos 5 e 6), por duas safras seguidas. Na safra seguinte faz a viagem tam-

<sup>22</sup> “Boroca” foi explicada por Celso como sendo aquilo que em São Paulo conhecemos por mochila.

<sup>23</sup> A rede é outro dos objetos que Celso sempre carregava em suas migrações sazonais em busca de trabalho. Com esta última frase – “eu disse que íamos queimar a boroca e a rede” – Celso quis dizer que depois do que passou no Estado do Pará chegou a pensar em não mais migrar em busca de trabalho. “Boroca” e rede são signos da migração para ele, objetos que ele sempre carregava.

<sup>24</sup> Termo cunhado por SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes...*, *op. cit.*, que faz referência à migração sazonal de mineiros para o corte da cana-de-açúcar na região de Ribeirão Preto durante safras sucessivas.

bém sozinho (ponto 7), mas no mês de junho envia à sua mulher quantia suficiente para que venha morar em São Paulo com os 5 filhos.<sup>25</sup>

A princípio, Nilce acreditou que poderia trabalhar em Ibaté para contribuir com a renda familiar. No entanto, descobriu que a creche da cidade só concedia vaga a seu filho mais novo, para os demais não haveria abrigo fora do período letivo. E que o Conselho Tutelar poderia retirar-lhe o direito de guarda dos filhos caso os deixasse sozinhos em casa. Também não poderiam destinar uma parte do parco rendimento para que terceiros cuidassem das crianças. É então que as condições de sobrevivência começam a se tornar difíceis, pois a família de sete membros era sustentada apenas pelo salário de Celso.

Quando entrevistamos o casal, os encontramos decididos, então, a retornar ao Maranhão. Celso, há poucos dias, havia encerrado a safra e aguardava o acerto de contas da usina e a data combinada com o ônibus que vinha da cidade de Santa Lúcia/SP para o retorno. Para uma família numerosa como a deste casal, a vida na cidade torna-se custosa e sem o trabalho da mulher, inviável. De um rendimento de cerca de R\$ 1.200 reais, entre R\$ 800 e 900 são destinados à aquisição de produtos básicos da alimentação da família, como o arroz, o feijão, a farinha de milho, o açúcar e o café. Com o restante compram a carne, pagam o aluguel, a água e a luz. Analisando as possibilidades dispostas a eles, através de um cálculo de ganhos e perdas, Nilce chega à seguinte conclusão, tomada em conversa com o esposo: “Aqui está ficando mais difícil. Porque lá pelo menos essas coisas a gente não compra, e eu posso ajudar ele<sup>26</sup> (...). Lá pelo menos a gente vai livrar o aluguel, o arroz, o feijão... coisa assim.” (Entrevista realizada em 07/12/2006).

No tempo que estiveram em Ibaté, estabeleciam comunicação com os familiares maranhenses por conversas telefônicas e troca de cartas. A primeira forma de comunicação era estabelecida uma ou duas vezes por mês, em média. Para a segunda forma, não havia frequência regular, tendo sido realizada poucas vezes, acompanhada de fotos de Ibaté, parentes e conterrâneos emigrados. Nice encontra o rascunho de uma das cartas

<sup>25</sup> As causas de tal decisão não nos foram reveladas com clareza, mas Celso sugeriu que tenham ocorrido desavenças entre Nice e algumas pessoas da comunidade em função de “boatos maldosos” postos em circulação a respeito dela durante sua ausência.

<sup>26</sup> No Maranhão, quando as mulheres não levam as crianças para o trabalho de extração e beneficiamento do coco babaçu, deixam-nas em casa sós, umas cuidando das outras. Ademais, trata-se de pequenas comunidades, onde os laços entre os moradores são mais estreitos e a responsabilidade sobre as crianças mais difusa, dividida entre vizinhos, parentes consanguíneos e afins, como os compadres.

enviadas à sua mãe. Abaixo, a transcrição da leitura que ela faz deste documento durante a entrevista:

Em primeiro lugar minha benção. Mãe, fiquei muito feliz em receber sua carta, mas ao mesmo tempo fiquei triste em saber que a senhora está sofrendo<sup>27</sup>, mas peço a Deus que acabe esse sofrimento da senhora.” [risos] “E quero que fique boa logo. Mãe, eu sinto muita falta de todos. Da senhora e de todos vocês. Mãe, por enquanto estou bem, e os meninos, mas não gostam muito daqui, dizem que querem voltar, eles sentem muita saudade de vocês. Aqui não tem lugar pra eles sair, e por isso que eles não gostam daqui. Mas eu acho bom. Se a Nilcileide<sup>28</sup> quiser vir pra cá...”, porque ela queria vir pra cá. “Se ela quiser vir pra cá nós mandamos o dinheiro pra ela vir mais a Gisele<sup>29</sup>. Do jeito que nós comeremos, elas comem. Do jeito que nós fazemos com nossos filhos, nós fazemos com a Gisele, porque o Celso gosta muito da Gisele. Nós pagamos a Ledinha [Nilcileide] pra olhar os meninos que vou trabalhar. Diz pra ela e pra Gisele que se elas vierem eu fico muito feliz. Mãe, eu achei que a senhora vendeu a cama pelo preço bom, será que dá pra pagar as minhas contas? E o guarda-roupa, será que ela vai ficar com ele agora que ela está usando? Ela tem que ficar com ele. Mãe, aquela foto foi o Celso que tirou, e nós estávamos sorrindo da Sônia<sup>30</sup>, porque ela estava suja e ela queria tomar banho e o Celso não deixou.” [risos] “Ela zangou e nós estávamos sorrindo.” Porque na carta ela mandou perguntar por que é que nós estamos com aquela cara, se nós estávamos com frio ou se nós estávamos com medo. Aí eu falei que nós estávamos sorrindo porque a Vaninha estava suja e queria tomar banho e Celso não deixou.<sup>31</sup>

Os fatos narrados na carta por Nice à sua mãe retratam a avaliação das crianças sobre o processo migratório, o sentimento de ausência, de saudades, a força da rede social mobilizada pelas relações de parentesco e pelo sentimento de ajuda mútua entre os integrantes da família. A preocupação da mãe de Nilce em interpretar as expressões nos rostos de familiares e amigos na foto, que lhe foi enviada, fala sobre os elos de afetividade mantidos entre espaços longínquos, sobre o sofrimento da desagregação familiar e a dificuldade de comunicação dos sentimentos vivenciados por uns e outros, nos locais de origem e destino.

Ademais, através da análise da trajetória do casal pudemos observar a dificuldade de categorizar as trajetórias migratórias. Afinal, Celso construiu a trajetória chamada corriqueiramente de sazonal, ou mesmo permanente? No estudo minucioso de sua trajetória acompanhamos as diferentes experiências de exploração vivenciadas, as reações de recusa a tais expe-

<sup>27</sup> Sua mãe sofrera um acidente doméstico e encontrava-se com o pescoço imobilizado.

<sup>28</sup> Irmã mais nova de Nice.

<sup>29</sup> Sobrinha de Nice, filha de uma irmã mais velha.

<sup>30</sup> Vizinha de Celso e Nice.

<sup>31</sup> Entrevista realizada em 07/12/2006.

riências, os elos materiais e imateriais mantidos entre os lugares de origem e de destino, e, destacamos por fim, o fenômeno do retorno, percebido em diversas outras trajetórias. A fantasia e a esperança de uma vida melhor em São Paulo, contadas e recontadas em regiões de maior pobreza como a região Nordeste, se desfizeram com a experiência, tal como vimos se desfazer em diversas outras histórias assemelhadas.

### Considerações finais

Objetivamos neste texto contribuir aos estudos das migrações internas no Brasil a partir de dois exemplos de trajetórias de migrantes que se destinam para a região canavieira de Ribeirão Preto/SP. O primeiro exemplo se reporta às trajetórias de três mulheres migrantes do Vale de Jequitinhonha/MG, nos finais da década de 1980, que partiram com ou sem filhos, para o corte da cana, durante muitos anos, por meio do processo que denominamos de migração permanentemente temporária. As trajetórias destas mulheres mostraram que as migrações não são meramente deslocamentos demográficos num determinado espaço social. Ao mesmo tempo em que uns partem, outros ficam e os chamados pontos de origem e de destino são constituídos por redes, que envolvem vários sujeitos, dentre eles, os agenciadores de mão de obra. As relações de gênero mostraram que as migrações não afetam igualmente homens e mulheres. Nos casos analisados, a responsabilidade com a maternagem, o cuidado e o sustento dos filhos foram, além das condições econômicas, os elementos responsáveis para a definição das trajetórias. Segundo o conceito de trajetória, há que se observar o encadeamento temporal das posições sucessivamente ocupadas pelos indivíduos nos diferentes campos do espaço social.<sup>32</sup> Os espaços doméstico e produtivo, bem como as relações familiares, devem ser entendidos como partes do mesmo processo migratório.

No que tange ao segundo exemplo, referente à trajetória de uma família de migrantes maranhenses para a mesma região, a técnica da construção do mapa reconstruiu o deslocamento individual e familiar no tempo e no espaço, segundo as atividades laborais desenvolvidas pelo casal. Além do conceito de trajetória, o conceito de território migratório permitiu a análise das trajetórias a partir da inclusão de novos elementos.

É interessante observar que, no primeiro exemplo, os locais de origem e de destino são fixos, embora tenha havido a inserção no trabalho em várias usinas. No segundo exemplo, estes locais não aparecem fixos, porque

<sup>32</sup> BATTAGLIOLA, Françoise, *op. cit.*, p. 3.

um lugar de destino pode se transformar, em seguida, num local de origem para outros destinos. O exemplo analisado revela que o território migratório mantém uma lógica própria e não pode ser compreendido meramente como constituído por pontos isolados entre os lugares de destino e os de origem. As lembranças, a conservação da memória coletiva, a manutenção dos hábitos culturais e alimentares, são formas de apropriação dos espaços, fortalecidas por meio das redes migratórias que mantêm vivas as relações entre os que partiram e os que ficaram.

## Bibliografia

- BATTAGLIOLA, Françoise (Org). *Entre travail et famille*. La construction social des trajectoires. Paris: CSU, Iresco-Cnrs, 1991.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.
- FLORES, Sara María Lara. "Control del espacio y territorialidad en las migraciones rurales. Un ejemplo en el caso de México", in *VII Congresso Latino-Americano de Sociología Rural*, 2006, Quito; *Anais eletrônicos do VII Congresso Latino-Americano de Sociología Rural*. Recife: UFPE, 2006. Disponível em: <http://www.alasru.org/cdalasru2006/04%20GT%20Sara%20María%20Lara%20Flores.pdf>  
Acesso em: 14/02/2006.
- GILLIGAN, Carol. *Uma voz diferente*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.
- HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do 'fim dos territórios' à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- LAURETIS, Tereza de. *Tecnologies of gender*. Bloomington: Indiana University Press, 1987.
- MELO, Beatriz Medeiros. *Migração, memória e território: o trabalhador rural nordestino na Ibaté paulista*. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. "A migração de mulheres do Vale do Jequitinhonha para São Paulo: de camponesas a proletárias", in *Travessia*. CEM, a. I, n. 1, 1988, p. 9-15.
- \_\_\_\_\_. "Contribuições metodológicas para a análise das migrações" in DEMARTINI, Zeila de Brito Babri; TRUZZI, Oswaldo. *Estudos migratórios*. Perspectivas metodológicas. São Carlos: Edufscar, 2005, p. 53-86.
- \_\_\_\_\_. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Edunesp, 1999.
- \_\_\_\_\_. "O rosto feminino da migração sazonal", in *Travessia*. CEM, a. IX, n. 26, 1996, p.7-10.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes; MENEZES, Marilda Aparecida. "Migrações rurais no Brasil: velhas e novas questões". Brasília: Nead, 2008. Disponível em: <http://www.nead.org.br/memoriacamponesa/index.php?acao=leitura>

## **Abstract**

### ***To leave and to stay. Two worlds united by the trajectory of migrants***

*The region of Ribeirão Preto is one of the largest production areas of sugar and alcohol in the state of São Paulo. The great majority of workers employed in the harvest consists of migrants coming from the northeast states and from the Vale do Jequitinhonha region in Minas Gerais. This article aims to contribute for migrations' studies, based on two examples of trajectories of migrants to this region, according to two research techniques. The first one regards the analysis of three trajectories of migrant women of the Vale do Jequitinhonha. The second one, besides considering the trajectory of a migrant couple from Maranhão, adjoins a cartographic scrutiny, in order to delineate the displacement in the migratory territories.*

**Keywords:** *Migration; Trajectories; Peasants; Sugarcane region in São Paulo*

*Received for publication in August 10<sup>th</sup>, 2009.  
Accepted for publication in October 13<sup>th</sup>, 2009.*

Recebido para publicação em 10/08/2009.  
Aceito para publicação em 13/10/09.